



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A BRINCAR NÃO SE GANHA A VIDA

Por **MANUEL JOAQUIM VALVENTOS** — Série B
Desenhos de **ADOLFO CASTAÑE**

Tomás era um desses rapazes a quem os outros só por grande necessidade convidam a tomar parte em qualquer jogo.

Pouco desenvolvido e não sabendo proferir, a propósito, aqueles ditos tão característicos da gente nova, era considerado como um mau companheiro de brinquedos e tido na conta de massador.

Vejamos, porém, o reverso da medalha. Tomás, a quem perseguiram até em sonhos as sinistras palavras: (não é assim que se joga, homem!) que ele ouvia, constantemente, dos seus parceiros, ganhava sete escudos por semana a fazer recados á proprietária de um estabelecimento da aldeia, onde se encontravam à

venda géneros de toda a espécie e era muito útil a sua mãe, ajudando-a em tudo que estava ao seu alcance. Além disso, aprendera a tratar de cavalos, no que mostrava uma grande perícia.

Um dia, o médico da terra, que possuía carruagem, ofereceu-lhe o lugar de moço na sua cavalaria, e foi com imensa satisfação que o nosso amiguinho aceitou esse oferecimento. A esposa do seu patrão, chamou-o de parte, pouco depois de ele entrar ao serviço, e deu-lhe um papel em que estavam escritas as seguintes palavras, recomendando-lhe que as decorasse e as tivesse sempre presentes na memória:

1.º — Dize sempre a verdade e



arrosta com as consequências.

2.º — Teme a Deus e tem confiança em ti próprio.

3.º — Cumpre o teu dever, com o único fim de agradar à tua consciência.

Tomás seguiu á risca estes preceitos, e tão bem se comportou sempre, que veio a desempenhar o lugar de mordomo na casa onde entrara como moço de cavalaria.

E' natural que os rapazes se entreguem aos folguedos próprios da sua idade; faz gosto vê-los alegres e despreocupados mas não nos devemos esquecer de que a brincar não se ganha a vida.



FIM

O GATINHO MAROTO

Por MARIA HELENA FERNANDES MAUHIN (da Série A)

Desenhos de CASTANÊ

ERA uma vez uma menina muito bonita e muito bôazinha, que era o enlevo da família.

Esta menina, chamada Náná, tinha um lindo gatinho Angorá, chamado Tito. Ora o gatinho pelava-se por carapáu e assim que a Rosa, que era a peixeira lá de casa da Náná, assomava à porta, o Tito punha-se a miar, a miar em volta da Náná só para que esta lhe desse um carapáu.

Estava-se no verão e a mamã de Náná, costumava deixar a janela aberta para refrescar a casa, pois fazia, naquele sítio, muito calor. O Tito, que ficara a dormir, quando acordou e viu a janela aberta, deu um salto para o parapeito e enroscou-se à espera da peixeira que passava ali defronte.

A peixeira, como a mamã da Náná não lhe tivesse comprado nada naquele dia, pôs-se a caminho de casa.

La muito contente a Rosa quando passou pela janela onde o Tito estava enroscado, pois levava carapáus para os filhos, coisa de que eles muito gostavam. O Tito, que fingia que estava a dormir, quando ela ali passou, deu um



salto e foi cair na canastra da peixeira, começando a sua tarefa de comer o peixe e deixar os panos bem limpos pela sua língua áspera.

A Rosa ao sentir aquele peso, ainda mais centente ficou, pois julgava que, por um milagre, o peixe se havia multiplicado. Mas, de repente, — (ó decepção das decepções) — a canastra havia-se tornado leve, levíssima, e a Rosa, com os olhos muito abertos, só teve tempo de ver o maroto do Tito a fugir com o último carapáu na boca, perseguido por dois enormes cães.

O Tito, então, vendo-se perseguido, tratou logo de trepar para uma árvore, pondo-se a salvo.

A pobre peixeira, ao acabar a estupefacção em que estava mergulhada havia segundos, desatou a chorar por não ter com que matar a fome aos filhos. Este choro deu motivo à risota de alguns curiosos que tinham presenciado a cena. Os filhos, por sua vez, puzeram-se, também, a chorar por terem de ir para a cama com a barriga vazia.

Náná que, enquanto estes factos se passavam, tinha andado com sua mamã à procura do Tito, pôs-se a chorar por não o encon-

trar. A mamã dela, então para a sossegar, propôs-lhe irem as duas à procura do Tito e disse à filha:

— Põe o chapéu e o casaco que eu vou tal qual como estou. Vamos procurar o Tito que não deve estar muito longe.

A Náná, num foguete, enfiou o chapéu e o casaco e foi ter com sua mãe que a esperava à porta da rua. A menina a sair e a encontrar uma sua amiga que lhe disse:

— Vi mesmo agora o teu Tito com um carapáu na bôca, a fugir de dois enormes cães que o perseguiam com todas as fúrias!...

— Ai o meu rico gatinho! E para onde é que ele se dirigiu?

— Ia em direcção àquela rua onde trepou para uma árvore...

A amiga da Náná não teve tempo de concluir pois, assim que ela acabou de pronunciar estas palavras, Náná já se achava perto da tal rua indicada. A menina só parou de correr quando uns conhecidos miaus lhe despertaram a atenção. Levantou os olhos e viu o maroto do Tito a esparguiçar-se, sinal evidente de que tinha dormido uma soneca reparadora do susto que apanhara. Ela, então, chamou-o com uma voz muito meiguinha e



CARTA AO MENINO JESUS

RUA DAS ESTRELAS—CÉU

Por VIRGINIA DE MONTALVÃO ALPOIM (da Série C)

Desenhos de CASTANÉ

Meu Amigo:

traço estes gatafunhos,
para a maninha não ver.
Mas, olha, sujei os punhos
do meu pijama branquinho.
E' que entornei o tinteiro
por cima do travesseiro:
ai! se me ralha o paizinho!

A correr,
venho escrever estas letras,
(que tu decerto soletras)
p'ra te pedir um favor,
um favorzinho, Senhor!

— Eu mereço, com certeza,
pois sempre estudo as lições,
a mentira, não me pesa,
jâmais rasguei uns calções! —

comando
os meus soldados...

Que encanto!

Meu Jesus pequerruchinho,
eu não te peço mais nada;
só a tal farda bordada,
como a que hoje vi pintada,
no quartel do meu paizinho.

Isto é segredo, cautela,
não dês co'a língua nos dentes;
nem sequer a uma estrêla
o digas; e se pressentes
que aí o podem saber,
'sconde esta p'ra ninguém lêr.

Na chaminé vou deixar
uma toalha de renda
p'rá farda se não sujar
(quando êsse dia chegar)
na cinza que há na lareira.
Como vês, desta maneira,
já estimo a tua prenda!

E' verdade, que me esqueço,
outra coisinha te peço:
vê se a «titi» Virgininha
faz pazes com o sobrinho.
Um chi à tua mãzinha.
Teu amigo

Moréquinho

F I M

— Na caminha estou sentado:
já fiz o sinal da Cruz,
pedi perdão dum pecado
ao teu Papá, meu Jesus,

Para o próximo Natal,
ai! eu desejava tanto
um fato de general,
p'ra vestir quando

ele saltou-lhe para os ombros;
entretanto, a menina apanhou-o
e levou-o para casa.

Assim que chegou a casa teve
conhecimento do que êle havia
feito à pobre Rosa. Então saiu e
foi comprar vários gêneros de
mercearia; depois dirigiu-se ao

talho e comprou um cabrito; em
seguida levou tudo à pobre Rosa
e aos pequenos, que, quando aca-
baram de jantar, até dansaram o
«nam-nam» por se verem com a
barriguinha tão cheia.

O Tito, assim que chegou a
casa, foi logo para a cama e, no

outro dia, de manhã, não comeu
as sopinhas do almoço por não
ter vontade, pois ainda tinha a
barriguinha muito cheia.

F I M

Historia do rato gaiato

Por JOÃO EDUARDO VIANA ROMAN NAVARRO

SÉRIE B — Desenos de CASTAÑE

N

O poderoso e populoso reino da rataria, governado pelo prudente monarca João Ratão, não me recordo se IV ou V, vivia o cidadão mais desinquieto do reino — o Rato Gaiato.

O seu nome, multíssimo popular, era conhecido e louvado por todos os seus compatriotas, que o adoravam, não só pela sua finura e esperteza, mas, também, pela sua especial tática, nos frequentes assaltos às despensas. Ria-se do ódio velho, que lhe decretára o seu fidalgo inimigo, Gatão Pimpão.

Um dia, o nosso Gaiato, resolveu aplicar-lhe uma enérgica lição, e... se bem o pensou, melhor o fez. Saiu do seu buraquinho, (situado no rodapé da casa de jantar), e esticou o pernil... aparentemente. O Gatão, mal o viu, tomou balanço e, pás-catrapás, precipitou-se sobre ele com uma velocidade de cerca de 80 quilómetros à hora. Gaiato, que já o esperava, desviou-se rapidamente e enfiou pela sua residência. Com o impulso com que vinha, o Pimpão não teve tempo de apertar nenhum travão e... zás, tras, pás, esborrachou os respeitáveis bigodes de encontro à parede. A partida produziu um efeito soberbo. O sr Pimpão nunca mais importunou o nosso Gaiato, que se ficou rebolando e rindo, no seu buraco, pela bela partida, pregada ao seu maior inimigo.

Ora o Gaiato, (aqui para nós, que ninguém nos ouve), fazia o seu «pézinho de alferes» à Ratinha Bonitinha, a donzela mais bela daquelas redondezas. Todas as noites, o nosso herói ia para debaixo da janela da sua amada e, aí, gorgeara-lhe, ou melhor, chiava-lhe alguma cantiga, ou tocava-lhe alguma canção.



Uma noite, noite de luar, de dolência, de poesia, etc., etc., encontrava-se o nosso trovador, dedilhando à sua amada uma amorosa sonata, quando... (oh céus!...) vê surgir, nem mais nem menos, o vulto colérico do pai da Ratinha, inquirindo-lhe o que fazia naquele lugar e aquelas horas. Tremendo de medo, de frio, de susto, em suma de tudo, o nosso Gaiato titubeou umas desculpas e pôs-se ao fresco; não sem ter levado uma formidável decompostura e o seu precioso bandolim enfiado pela cabeça abaixo.

Desgostoso com este lamentável caso, resolveu expandir as mágoas que enchiam, totalmente, o seu maravilhoso coração de rato. Foi, por isso, falar com o seu amigo, capitão Tubarão e, passados dias, ei-los a caminho do Brasil, no paquete «Casca de Noz».

Nesse grande país, o nosso herói dispendeu uma actividade simplesmente admirável. Explorou terras, matou leões, prendeu pavões, caçou falsões e, tornou-se a criatura mais laboriosa da povoação em que fixara residência.

Numa tarde de sol ardente, encontrava-se o nosso Gaiato dormindo a sua soneca, pacatamente recostado no



A minha avózinha

Por ANGELO CARDOSO PEREIRA DE ALMEIDA

SÉRIE B

QUANDO, às vezes, estava com «rabuge»
 Minha avózinha vinha-me pegar,
 Dizendo: — *diabito, «fuge», «fuge»!*
 Só para que eu deixasse de chorar!

Isso sim! Cada vez berrava mais...
 Mas ela, então, sentava-se comigo
 E prosseguia, em modos maternos,
 Após pedir para cantar consigo:

— *«Arre», «arre» burrito p'rá Mealhada;
 Sete vintens da leva da carrada!»*

No fim, já a sorrir, cantava eu só,

Mandando estar calada a minha avó:

— *«Ane, ane bunito pá Mealada;
 Sete ...intens da leva da canada!»*



■ F I M ■



tronco de uma palmeira, que, com a sua folhagem, o resguardava dos raios solares. Ao abrir preguiçosamente o canto de um olho, percebeu que um ralozinho de sol, dócemente coado através da densa folhagem, se reflectia em certo ponto, de uma maneira deslumbrante. Imediatamente pulou do sítio onde estava, como tivesse sido im-

pelido por uma mola de grande tensão e, pôs, logo, em campo o seu especial faro... policial que, como já tive ocasião de dizer, o distinguiu aos seus patricios. Com a pontinha aguçada de certo galhozinho de arvore, arranhou, esgravatou e conseguiu extrair, adivinhem o quê?... Um pedacito de ouro, de ouro puro, tão puro como a alma da sua Ratinha.

Continuando a explorar, com a ajuda benéfica de um pirlampo das suas relações, escavou e conseguiu pôr a descoberto um túnel subterrâneo, onde brilhavam e tornavam a brilhar pedacinhos de ouro, que mais pareciam os olhos da sua Bonitinha.

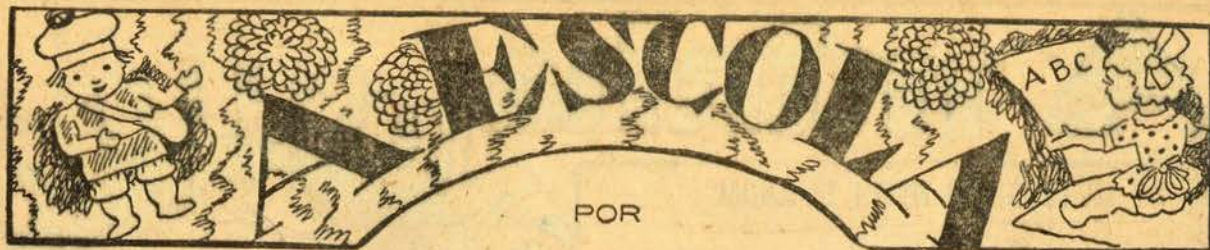
— Estou rico! — Foi a exclamação que saiu expressiva, da boca do nosso Gaiato. Radiante, mandou fabricar caixas para guardar aquele precioso tesouro. Fretou um possante aeroplano e, dizendo adeus ao Brasil, que o tinha feito feliz, voltou à Pátria amada.

Assim que chegou à sua grata residência, depositou nela o seu tesouro e foi falar ao pai da Ratinha, que, muito finório, o abraçou e lhe chamou seu filho, ao saber que estava milionário.

Contente e feliz, foi ver a sua Ratinha, a qual estava ainda mais bonita e sedutora. Ao vê-la, o nosso herói sentiu uma humidade à volta da menina do olho e os seus olhos verteram abundantes lágrimas de alegria. Nunca olhos de rato choraram tanto!

Casaram-se, alargaram o seu buraquinho e hoje vivem extremamente felizes. Quando, à noite, o nosso herói volta dos seus laboriosos trabalhos e vem para casa descansar, ou ler algum volume do Rato Literato, a nossa Ratinha Bonitinha, muito querida dos seus filhos, (os Ratinhos Gaiatinhos), conta-lhes histórias, que começam sempre desta maneira: «Uma vez tínhamos assaltado a despensa da D. Pulquéria...»

■ F I M ■



POR

A. VICENTE CAMPINAS (da série B)

— «Não, meu Zéquina, não; a protecção aos pobres, Quer sejam de pedir ou dos envergonhados, Não consiste, sómente, em dar-lhes alguns cobres, Ou dar-lhes pão e abrigo, enquanto, enregelados, Pedem com fome...»

Assim dizia a avó do Zéca, Enquanto este a escutava, e a irmã, tendo a boneca Sentada ao pé de si, como se fôsse mãe Dessa linda boneca, a escutava também...

— «Mas como proteger os pobres pequeninos? E' só dando alimento a seus corpos franzinos?!...» Voltou a perguntar, outra vez, o Zéquina. Com desusado interesse e a sorrir á avózinha...

— «Para se proteger as pobres criancinhas Que vagueiam sem norte e sem mãe, (coitadinhas) Não basta dar-lhes pão ou qualquer outra esmola; E' preciso, também, conduzi-las á Escola;

A Escola que é a luz, iluminando a vida, Abrindo a porta ao Bem, na esperança querida E cheia de saber, que é a luz da Instrução!

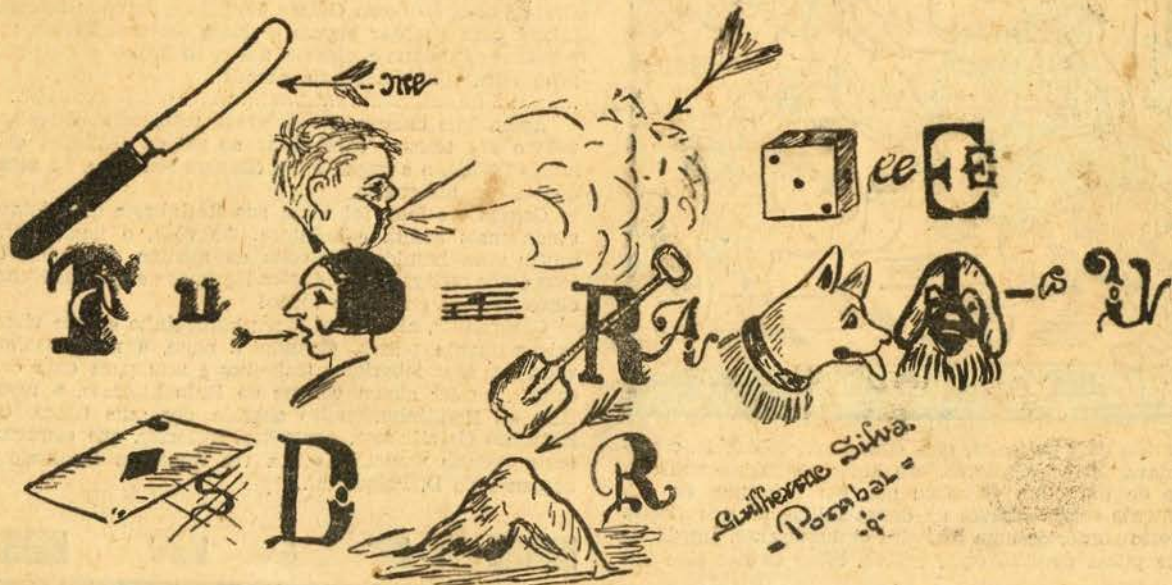
E' a Escola, também, a melhor sedução Dos meninos que são vivos e inteligentes, E que chegam, mais tarde, a posições decentes.



Por isso, meu nêtinho, estuda sempre, a ver Se consegues, do estudo, o mais alto Saber, E, assim, serás feliz; e todos que, também, Estudarem, terão, na Ciência, uma outra mãe Que lhes ensinará o caminho do Bem!»

■ ■ ■ ■ FIM ■ ■ ■ ■

ENIGMA PITORESCO



CHARADAS PARA OS MENINOS COLORIREM

Qual é a mulher que está nos ovos? (2 sílabas). *elara*

Qual é o apelido que pode ser um rio, uma fruta ou um instrumento? (2 sílabas). *lua*

Qual é o animal que com a inicial trocada é alimento? (1 sílaba). *ão*

Qual é o nome de homem formado por uma nota musical e pela parte do corpo? (2 sílabas). *surta*

Qual é a parte de casa que é adjectivo numeral? (2 sílabas). *quarta*

No masculino guardo riqueza. No feminino córto. (2 sílabas). *vestido*

Qual é a ave doméstica que é apelido? (2 sílabas). *galinha*

Qual é o móvel que, se lhe intercalarmos uma letra, temos duas notas musicais? (2 sílabas).



SOLUÇÃO DAS ANTERIORES

Paula — Capa — Amora — Rir
— Cravo — Pereira — Perna.

A DIVINHA

HORA DE RECREIO

A carta que voa



Onde está o sota que costuma guiar este pileca?

Os materiais são poucos...

Uma carta de jogar ou um pedaço de cartão com as dimensões aproximadamente iguais às da carta.

Um lápis ou um pausito que caiba com facilidade dentro de um carrinho de linhas.

O já citado carrinho de linhas vazio, cordel, dois alfinetes e mais nada.

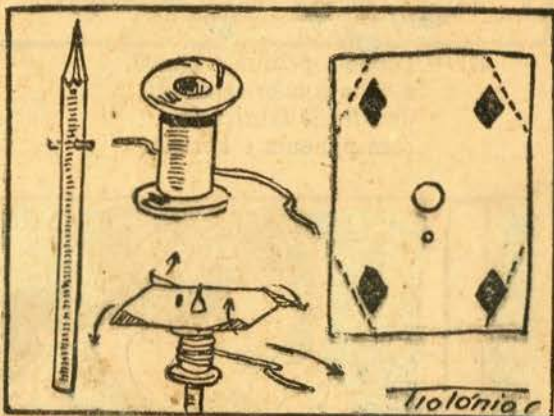
Dobram-se as pontas da carta, umas para baixo outras para cima, como a gravura indica. Faz-se-lhe ao centro um furo e outro mais pequeno para o alfinete que se espeta no carrinho de linhas.

O pausito, na altura competente, também tem o alfinete que evita que o carrinho desça em demasia.

Para fazer accionar esta engenhoca, enrola-se o cordel em volta do carrinho, bem apertado.

Enfia-se este no lápis, coloca-se a carta sobre o carrinho enfiada no alfinete e no lápis.

Puxa-se pelo cordel com energia e, logo que este movimento acabe, verão a carta elevar-se no ar girando sobre si mesma com toda a velocidade.



Violenia c

HORTELÃ PIMENTA



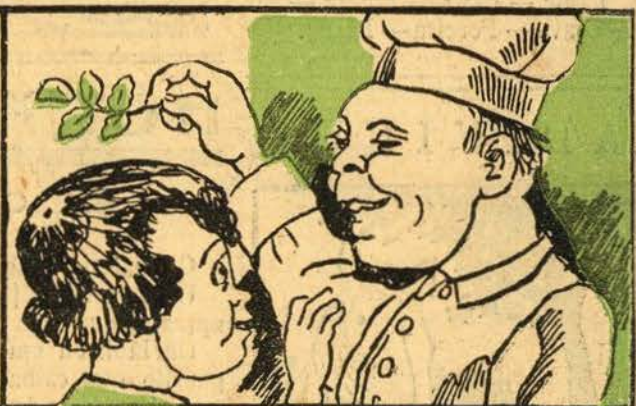
I — O pequenito Tuneca, por alcunha o «Guloseimas» era, além do Rei das Teimas, muito levado da breca.



II — A jantar, em sua frente, estava, um dia, a mamã tomando o seu «Pepermint», licor de hortelã-pimenta.



III — Tendo-o pedido à mamã, e visto a mãe recusá-lo, decidiu ir fabricá-lo com pimenta e hortelã.



IV — Foi pedir ao cozinheiro, de hortelã um bom raminho, e, deitando-o num copinho, vazou nele o pimenteiro.



V — E, então, com água fervida, remexeu tudo a primôr, preparando uma bebida que supoz ser o licôr.



VI — Porém, ao levá-la à boca, começa, em grande aflição, numa berraria louca, sentindo nela um vulcão.